



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



Escrevem os Leitores

"...Por um acaso peguei um desses jornais que uma pessoa esqueceu em minha casa. Li e gostei muito, fiquei satisfeito em saber que, neste mundo de hoje, tão paganizado, ainda existem pessoas que amam a Deus, a Nossa Senhora e cheias de zelo, querem fazer o bem às almas, espalhando este jornal que tanta paz e alegria leva aos corações, principalmente dos jovens sedentos de luzes para praticarem as virtudes cristãs. Não sentir-me-ei muito honrado em recebê-los. Quero ler e emprestar aos meus colegas...Agradeço antecipadamente, pedindo a Deus e a Santíssima Mãe que os abençoem..."

ANTONIO NASCIMENTO GAMBATI
CASTELO - ES

"...Estou escrevendo para renovar a assinatura do jornal "O Desbravador". Fico contente em receber uma publicação com um conteúdo tão valioso..."

SONIA BORLOT CHIESA
RIO DE JANEIRO - RJ

"...Vimos por meio desta, comunicar-lhes o novo endereço..."

LEONIDAS TEODORO NOGUEIRA
SÃO PAULO - SP

"...É com muito prazer e carinho que recebo esse jornalzinho, "O Desbravador", que até hoje não sei como chegou ao meu endereço. Creio que foi enviado por alguma pessoa amiga..."

LILIANA MARIA SAMPAIO COUTO
FORTALEZA - CE

"...Sou uma jovem formada recentemente em Iniciação Teológica e pretendo ser Irmã Religiosa em meu futuro e lhes comunico que coleciono os números do jornal "O Desbravador" que irão ser muito úteis em minhas futuras atividades religiosas. Irei enviar meu donativo em favor deste jornal tão sadio e maravilhoso..."

ARLINETE DE MEDEIROS CHAGAS
MOSSORÓ - RN



O DESBRAVADOR
ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATOS
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSE DE MATOS
LIA MAURA DE FREITAS

COMPOSIÇÃO

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
LAURINDO GONÇALVES
ALYSSON LUIS DO CARMO
VICENTE WALTIER S. MACHADO

EXPEDIÇÃO

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
ROMILSON CHAVES SILVA
ROBERTO MANGINI
WALADYER NERI S. MACHADO
LUIZ AKIO YASUTAKE
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
EDVAN RODRIGUES DOS SANTOS

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL 6416
01051 SÃO PAULO - SP

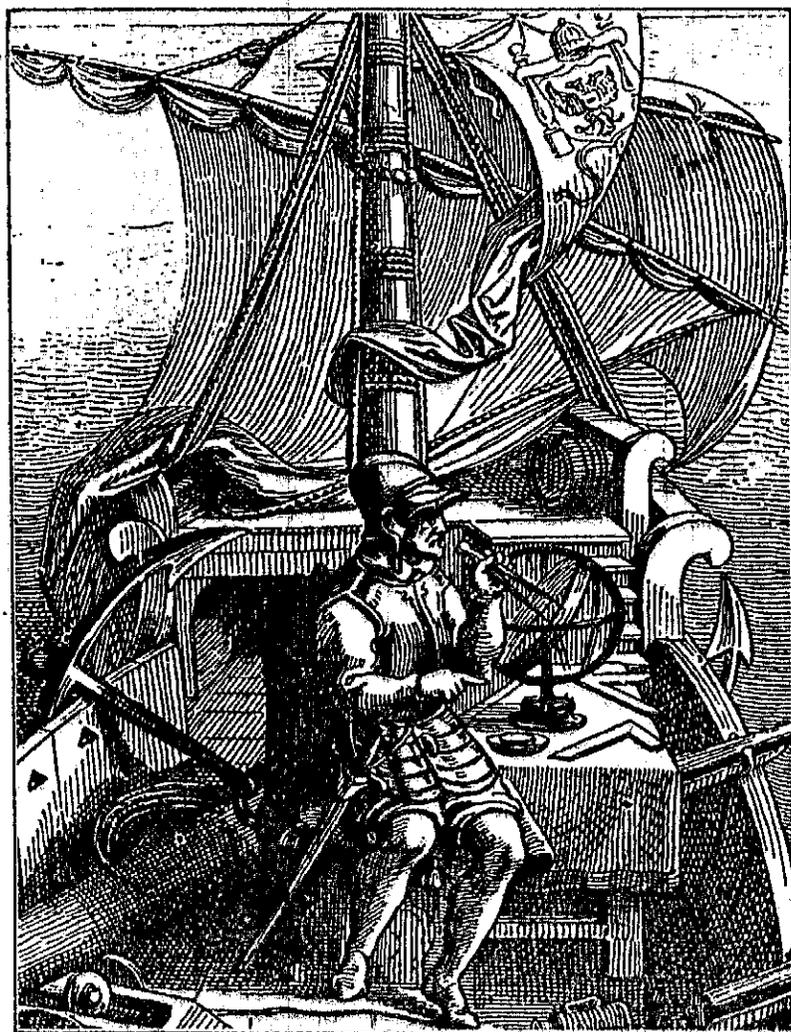
"BREVES E CADUCAS SÃO AS ALEGRIAS PROVENIENTES DOS PRAZERES TERRENOS"
(São Leão Magno)

EDITORIAL

Uma das palavras mais em voga no Brasil atualmente é *CRISE*. Na realidade nunca se discutiu, nunca se debateu tanto como hoje acerca de crise.

Fala-se em crise econômica, em crise política, em crise social e assim por diante. Comenta-se o assunto nos jornais, trata-se dele nas rádios e televisões. Soluções são propostas. E tudo isso gera uma verdadeira obsessão em torno do tema.

No meio a essa "crisemania", falta um ponto vital e essencial: a real raiz do problema. Verdadeiramente as crises todas se resumem a uma só: é o homem que está doente, é o homem que está debilitado, é ele que está mau. Quem está em crise é o homem.



E na medida em que o homem está podre, como poderá estar sadia a sociedade composta por homens podres? Como será possível construir-se uma parede boa com tijolos ruins? Como poderá funcionar corretamente uma máquina cujas peças estão estragadas? Para se vencer os grandes problemas atuais faz-se necessário consertar o homem, melhorá-lo, torná-lo bom. As crises política, econômica, social e outras mais só terão solução com a mudança do homem.

E, este só melhorará se retornar a Deus, se voltar a viver de maneira cristã, se resolver cumprir os mandamentos de Deus e da Igreja, se for verdadeiramente católico.

Somente se aproximando de Deus o homem será bom. Somente assim as crises serão solucionadas, pois a ruína

do homem está no afastamento de Deus.

Fora disso, tudo é balela e basofia. Que os homens vejam isso, esperemos nós, e rezamos a Nossa Senhora.

Quanto antes os homens se achegarem a Deus, tanto mais cedo desaparecerão um sem número de problemas que parecem sem solução.

"SE AINDA NÃO FOSTES ATRAÍDO PARA O BEM, REZA PARA SERES ATRAÍDO"
(Santo Agostinho)



Refugio dos Pecadores

Pelo ano de 1604 viviam numa cidade de Flandres dois jovens estudantes, que, desleixando dos estudos, se entregavam a orgias e devassidões. Uma noite entre outras foram a certa casa de perdição. Um deles, chamado Ricardo, depois de algum tempo, retirou-se para casa, e o outro ficou. Chegando Ricardo a casa, estava para acomodar-se, quando se lembrou que não havia rezado umas Ave-Marias, como era de seu costume fazê-lo em honra da Santíssima Virgem.

Acabrunhado pelo sono, sem nenhuma vontade para rezar, fez, contudo um esforço e rezou as Ave-Marias, embora sem devoção e por entre bocejos de sono. Deitou-se depois e adormeceu. Mas não tardou a ouvir bater à porta com muita força. E imediatamente, sem ele a abrir, vê diante de si o seu companheiro de farras, mas desfigurado e medonho.

-Quem és tu? - Perguntou aterrorizado.

-Tu não me conheces? - respondeu o outro.

-Mas como tu mudaste tanto? Tu pareces um demônio.

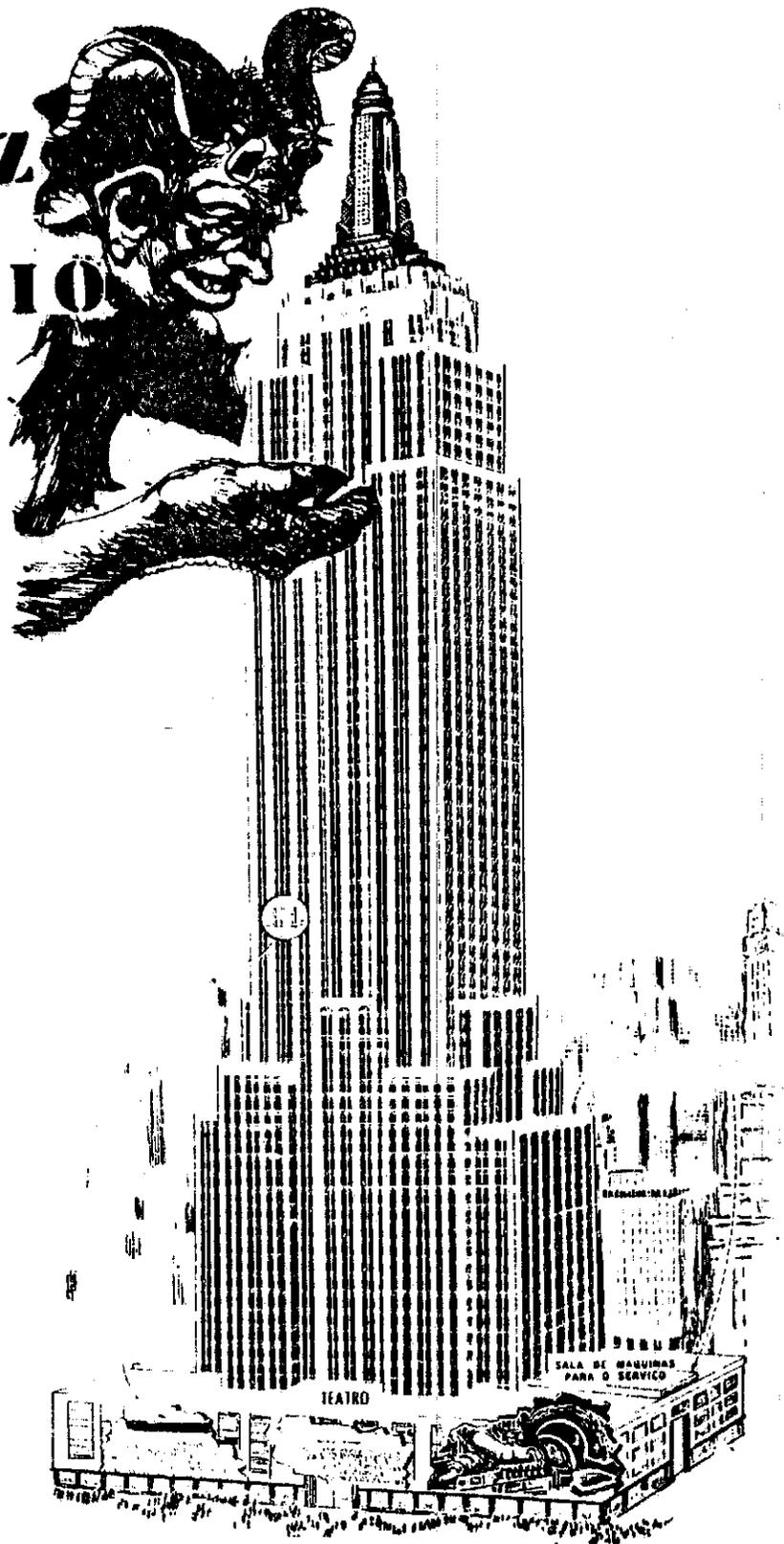
-Ai, pobre de mim! - Exclamou aquele infeliz, -que, ao sair daquela casa infame, veio um demônio e me sufocou. O

meu corpo ficou no meio da rua, e a minha alma está no inferno. Sabes, pois, acrescentou, que o mesmo castigo te tocava também a ti. Mas a Bem-Aventurada Virgem, pelo teu pequeno obsêquio das Ave-Marias, te livrou dele. Ditoso de ti, se tu souberes aproveitar deste aviso, que a Mãe de Deus te manda por mim. Depois destas palavras, o condenado entreabriu a capa e mostrou as chamas e as serpentes que o atormentavam e desapareceu. Então Ricardo, chorando copiosamente, com o rosto em terra, deu graças a Maria, sua Libertadora. Enquanto pensava como mudar de vida, ouviu tocar Matinas no convento dos franciscanos.

Logo pensou: E aí que Deus me quer para fazer penitência. E foi pedir aos frades que o recebessem. Ciente de sua má vida, não queriam eles: áceitã-lo! Contou-lhes então entre lágrimas o que havia acontecido. Dois religiosos foram à rua indicada, achando efetivamente o cadáver do companheiro, sufocado e negro como um carvão. Depois disso foi Ricardo admitido e levou uma vida penitente e exemplar. Mais tarde foi como missionário pregar nas Índias e em seguida no Japão, onde teve a graça de morrer mártir, queimado vivo por amor de Jesus Cristo.

"REZAI O TERÇO TODOS OS DIAS"
(Nossa Senhora, em Fátima)

PACTO FUGAZ COM O DEMÔNIO



O padre Francis acabara de ser nomeado pároco em um dos bairros pobres da cidade de Nova York. Jovem e entusiasmado, logo no primeiro domingo teve uma grande decepção: sua igreja era frequentada apenas por algumas velhas. Embora a rua estivesse regorgitando de meninos e meninas, estes preferiam frequentar os botequins e antros ainda piores.

Formado segundo os mais recentes conceitos pastorais, teve uma idéia que lhe pareceu genial: faria em sua paróquia um "grupo de jovens", atual, dinâmico, engajado.

Alguns meses depois o salão paroquial estava repleto de gente tocando violão, dançando e até mesmo organizando uma ou outra campanha de auxílio aos pobres. Mas - é curioso - o padre Francis não notava mudanças para melhor na vida ou na alma desses jovens. Eles frequentavam a igreja, mas não se podia dizer que fossem verdadeiros católicos. Algo estava errado, mas padre Francis não sabia dizer o que.

Num sábado à tarde, esta ele parado em frente à igreja, observando o movimento da rua, quando sentiu suas narinas agredidas pelo odor de um perfume ordinário. Voltou a cabeça e viu ao seu lado uma jovem de seus dezessete anos, exageradamente pintada, cabelos soltos e mal cuidados, calças compridas e tamancos de saltos grossos e barulhentos. Dirigindo-se a ela, padre Francis perguntou: "Veio à Missa dos jovens?"

A resposta foi um palavrão. Em seguida, Deyse (assim se chamava a moça) acrescentou:

- "Coisa nenhuma. Não quero saber de rezar. Só estou aqui porque minha mãe passou a tarde inteira gritando comigo para que eu viesse, e agora está me vigiando da janela lá no fim da rua. Mas não vou nem entrar."

- "E porque você não entra um instante?"

- "Porque não adianta nada. Eu já estou perdida mesmo".

Padre Francis se assustou. Nunca encontrara alguém que afirmasse sua perdição com tamanha certeza.

- "Porque você se julga perdida?"

- "Porque estou. Se você quer saber mesmo a verdade, é que me entreguei ao demônio.

O jovem padre se esforçava para manter a serenidade:



"Não tema o demônio! Ele não pode nada contra quem tem devoção a Nossa Senhora"

- "Gostaria de entender melhor o que você está dizendo."

- "Eu explico. A maior parte de minha vida, desde os doze anos, passei num reformatório, fui presa várias vezes por causa de roubo, drogas, e outras coisas. Da última vez eu devia ficar lá até os vinte e um, e depois ser transferida para a penitenciária. Mas, eu não suportava mais, e queria sair de qualquer jeito. Então eu rezei pedindo a Deus que me livrasse de lá. Mas Ele não me atendeu. Acho que Ele queria que

eu ficasse lá mesmo. Então eu vi numa revista que havia gente que rezava para o demônio, e eu resolvi rezar para ele também. Prometi fazer nove comunhões sa crílegas para que ele me tirasse de lá. Quando terminei minha "novena", me soltaram em liberdade condicional."

Aterrorizado com o que ouvira, o padre comentou:

- "O demônio fez um "bom" negócio. Deu-lhe a liberdade em troca de sua alma".

Depois de outro palavrão, Deyse ' prosseguiu:

- "E daí? Ninguém faz nada de graça, era o preço dele. Aceitei e está acabado".

- "Mas você ainda pode mudar, porque não entra em nossa comunidade de jovens?"

- "O que é isto? Aquela turminha que fica tocando violão, fazendo baillinhos?"

Era verdade. Num súbito esclarecimento, o padre Francis percebeu que aquilo que a moça dissera era a mais pura verdade. O que faltava nesse seu grupo de jovens, para o distinguir de um grupo qualquer?

- "A oração!" (A palavra dirigida à moça saíra de seus lábios como um brado):

- "Porque você não volta a rezar?"

- "E seus jovens rezam?"

- "Eles vão rezar. A partir de hoje, eu garanto que eles vão rezar. Fiquem aqui e verã".

- "Não, eu não quero voltar para o reformatório".

- "Não tema o demônio...ele não consegue...ele não pode nada contra... quem reza a Nossa Senhora".

- "Não quero voltar para o reformatório".

- "Entre e reze! Os jovens vão rezar o terço hoje".

A moça desceu as escadas correndo:

- "Não quero voltar para o reformatório".

- "Você virã rezar. Nós estaremos rezando à sua espera".

A moça não respondeu e sumiu na noite. O pessoal do grupo de jovens, vi o João às costas, estava chegando para a Missa.



Ah! Mas aquela Missa foi diferente. Primeiro o padre Francis proibiu o violão, depois, pela primeira vez em sua vida subiu ao velho púlpito da igreja e lá de cima falou aos seus intrigados jovens da necessidade de penitência e oração.

E, para espanto geral, declarou que não haveria o habitual bailinho de sábado à noite. Em vez disto, todos estavam convidados a permanecer na igreja e, diante da imagem de Nossa Senhora, rezarem o terço por uma alma muito necessitada.

Alguns jovens resmungaram e foram embora, outros, tomados de um entusiasmo que nunca antes sentiram, resolveram ficar.

E a noite de orações começou. Foi uma longa noite. Às vezes o entusiasmo inicial dava lugar ao desânimo e ao sono. Mas, quando alguns dos jovens queriam se retirar, o padre Francis, sorrindo, dizia:

- "Fique mais um pouco. O bailinho sempre terminava às quatro da manhã".

E o jovem, bocejando, voltava para o seu lugar, para rezar um terço a mais.

E, às três e pouco da madrugada, o padre Francis ouviu nas lajes as batidas de um tamanco, sentiu novamente o odor daquele perfume ordinário. Sem voltar a cabeça, ele percebeu que alguém estava ajoelhada a seu lado, com as mãos ao rosto, principiando a chorar.

AJUDE



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

Alguns bons amigos atenderam nossos apelos e nos ajudaram. Mas, voltamos a pedir ajuda, pois as dificuldades financeiras nos impelem a isso. Você, a mável leitor, estimada leitora pode também nos ajudar. Para tanto, basta ir a qualquer agência ou do Banco Itaú ou do Bradesco e nelas enviar sua contribuição para as nossas contas respectivas:

NO BANCO ITAÚ:

CONTA CORRENTE 00433-0, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 0003-MERCÚRIO-SÃO PAULO-SP

NO BRADESCO:

CONTA CORRENTE 24019-2, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 278-P - GASÔMETRO -SÃO PAULO- SP



"NÃO HÁ ÁRVORE MAIS APROPRIADA PARA PRODUZIR E CONSERVAR O AMOR A DEUS DO QUE A ÁRVORE DA CRUZ" (Santo Inácio de Loyola)



O OUTRO

Peço licença para não dizer o meu nome verdadeiro, pois não quero sujar esta folha de papel com essas letras que se tornarão símbolo de infâmia e imundície. Chamem-me apenas de X.

Devo contar, quero contar, preciso contar, agora que estou perto da morte, aquele fato decisivo que transformou a minha vida ruim em uma vida péssima, que de um pecador "comum" me tornou um verdadeiro monstro.

Preciso descrever a minha infância e devo dizer que foi uma época quase que absolutamente feliz. Foi então, aos sete anos que conheci o outro. E era um menino da mesma idade que eu, com o qual simpatizei imediatamente e que se tornou meu melhor amigo. Tínhamos o mesmo nome e isto era para nós, motivo de constantes brincadeiras. Éramos também tão parecidos um com o outro que nos diziam irmãos ou, mais do que isto, gêmeos. Gêmeos éramos sim, mas de coração. Não havia brincadeira, traquinagem inocente ou jogo infantil que eu propusesse e que ele não estivesse imediatamente disposto a aceitar. Ver o meu amigo era motivo constante de alegria para mim.

A alegria durou até que eu cometesse o meu primeiro pecado. Foi um pecado oculto, mas de alguma forma misteriosa o outro descobriu. Naquele dia ao me cumprimentar, ele pronunciou o meu nome, o nosso nome de uma forma tão estranha que eu percebi imediatamente que ele sabia de tudo. Foi tão terrível que eu queria morrer para não mais ouvi-lo me chamar assim.

O segundo pecado veio algum tempo depois, e, antes que eu encontrasse o outro, eu o ouvi. Estava sentado em meu quarto, ainda envergonhado do que havia feito quando percebi que atrás de mim a porta se abria e ouvi o meu nome pronunciado baixo, naquele terrível tom. Voltei-me bruscamente e o outro estava lá, de pé, olhando para mim. No seu olhar eu vi que ele sabia.

Meus pecados continuaram e eu passei a evitar o outro. Mandava dizer que não estava, que não iria à escola ou que não queria brincar. Mas, ele sempre aparecia ao meu lado logo depois de eu cair. E, sua censura era sempre a mesma: o meu nome - o nosso nome - repetido com aquele tom de voz que me fazia gelar.

Passei a odiá-lo, tratava-o mal, dirigia-lhe insultos, debicava dele, junto aos meus novos e péssimos amigos.

"MARIA É A ÚNICA SALVAÇÃO DE QUEM OFENDEU A DEUS, O ÚNICO REFÚGIO DE TODOS OS TENTADOS E ATRIBULADOS" (Blósio, citado no livro Glórias de Maria)

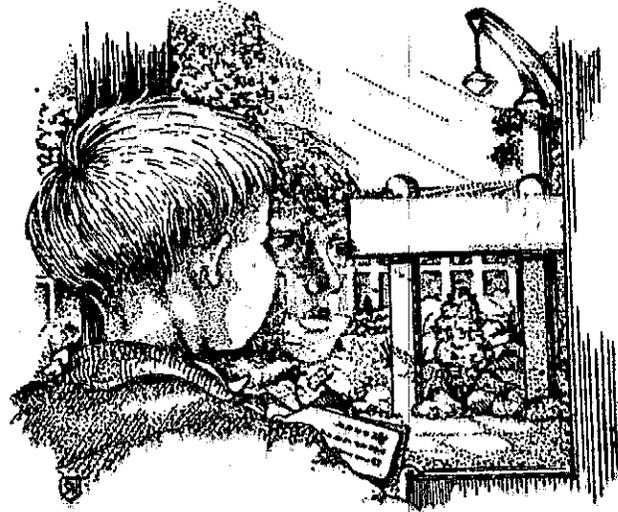
Mas, quando um pecado diferente me levava a descer mais um grau, era certo ouvir junto a mim a pronúncia do meu nome, dito sempre da mesma forma, baixa e terrível. E, quando eu me voltava, o outro estava sempre lá, censurando com um olhar.

Fugí, mudei de escola, de cidade, de estado, porque minhas infâmias sempre cresciam e eu absolutamente não o queria encontrar. Inútil. Ele sempre estava lá. Praticada uma infâmia, eu já me escondia nos locais mais absurdos, tapano os ouvidos para ficar livre daquela voz. Mas, o outro sempre me encontrava, e nada mais dizia que o nosso nome.

Como era terrível ouvir aquele som que antes houvera sido motivo de tanta alegria! Se ele me censurasse de outra forma, se me fizesse um "sermão" se me insultasse com as mais fulminantes expressões... Mas não. Era só o nosso nome que ele repetia.....

Decidi matá-lo. Vi que ele nunca deixaria de me perseguir a não ser quando eu deixasse de pecar. E isto eu não queria. Planejei então liquidá-lo na primeira ocasião que ele tivesse a ousadia de aparecer.

Foi num baile de carnaval, durante a madrugada. Vestido de cigano, punhal à cinta, embriagado, aspirando o ar impregnado de êter e de suor. Vi no outro extremo do salão alguém que me esperava, e comecei a caminhar para um novo crime.

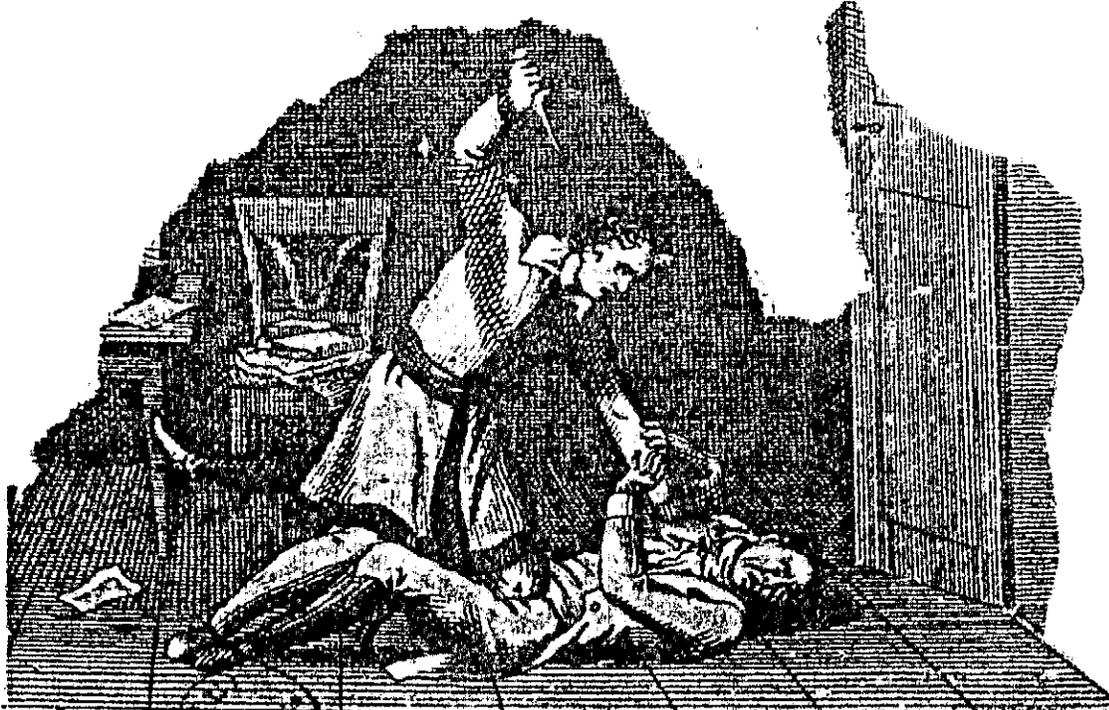


No instante seguinte, detive-me paralizado ao ouvir no meio do da balbúrdia e atrás de mim um novo som. Era o meu nome pronunciado daquela forma que eu aprendera a temer. Voltei-me e o outro estava lá.

O sangue subiu-me à cabeça. Meus músculos se contraíram e entre meus dedos crispados luzia a lâmina do punhal. Cravei-o no peito do outro, uma, duas, várias vezes, até que ele desabou. Seu sangue se embebendo na massa de confetes que cobriam o chão. Ao redor, todos gritavam, mas eu parecia nada ouvir. Só tinha olhos para o rosto do outro que, cada vez mais pálido, tomava as exatas feições do meu. Tinha a ilusão de me olhar num espelho e de assistir à minha própria morte.

Naquele momento dupremo, o "espelho" falou:

"Enquanto eu vivia, você tinha uma chance maior de melhorar. Mas agora mastaste tua própria consciência".



"SENHORA! VÓS SOCORREIS ATÉ OS DESESPERADOS. NÃO DUVIDO QUE SEMPRE QUE A VÓS RECORREMOS ALCANÇAREMOS QUANTO QUISERMOS. EM VÓS ESPERE QUEM DESESPERA" (S. BOAVENTURA A Nossa Senhora)

São Luís IX, rei de França, modelo do varão católico



A Sagrada Liturgia celebra hoje a festa de São Luís IX, Rei de França, confessor, insigne pela santidade de vida e a glória dos milagres" (do Martirólogo Romano). "Foi o rei mais santo e mais justo — diz Bossuet — que jamais cingiu a coroa". Gustava de se chamar Luís de Poissy, do nome do lugar onde recebeu o batismo, para indicar com isto que tinha em maior apreço o título de cristão que todos os outros da glória terrana.

Habil administrador, diplomata, exímio guerreiro heróico, São Luís IX viveu no fundo o século XIII, tornando-se o árbitro dos príncipes e dos povos de toda a Cristandade.

Apesar de tantas revoluções, de tantas transformações sociais, ainda hoje permanece viva a imagem de São Luís na memória popular dos povos cristãos, particularmente dos franceses. Ainda que o comum dos católicos não conheça os numerosíssimos livros escritos sobre o grande monarca, desde Joinville, seu amigo e primeiro biógrafo, até os mais recentes autores, permanece na mentalidade popular uma recordação comovida, enternecida, entusiasmada dos feitos de São Luís, transmitida de geração em geração, formando uma lenda áurea que corresponde inteiramente ao que a História bem estudada nos ensina a respeito dele.

PERFIL MORAL

Qual a lição que essa imagem mais especialmente encerra? Admitindo que cada santo e chamado a representar no firmamento da Igreja mais especialmente uma determinada virtude — São Bento, por exemplo, foi o protótipo do recolhimento, São Domingos brilhou pela pregação, São Francisco de Assis abalou o mundo pela pobreza, Santa Inês de Loyola apresentou-se como o modelo de combatividade pela Igreja — somos levados a perguntar a que mais especialmente representou São Luís.

Ele praticou em grau exímio todas as virtudes. Mas qual delas sobressai e permanece como lição perene para todos os tempos? Foi a castidade? A piedade? O recolhimento? A combatividade?

São Luís, como todo santo, foi casto. Casou-se virgem, foi um esposo fidelíssimo mas não estava em sua vocação observar a castidade como um São Luís Gonzaga, que teve nesta matéria uma exultância maior que muitos outros santos.

Embora consagrado aos negócios do Estado a maior parte do seu tempo, São Luís demonstrou durante toda sua existência uma grande piedade. Era assíduo nos ofícios

divinos que mandava celebrar solenemente no seu palácio e ouvia todos os dias duas missas. Levantava-se à meia-noite para Matinas e começava a tarefas do dia pelo ofício de Prima. Introduziu na sua capela o costume de ajoelhar às palavras do Credo "Et homo factus est" (É se fez homem, e na narração de Poixão, no trecho que se refere à morte de Jesus, costume depois adotado pela Santa Igreja. Entretanto, não nos parece ser este o traço marcante de sua notoriedade.

São Luís amava o recolhimento e o ele entregava-se quanto podia. Mas sua missão exigia que vivesse no mundo, na direção dos negócios temporais, à frente do maior reino da terra no tempo dele. Não lhe foi dado levar a vida de tantos monges, radicalmente recolhidos, passando a vida inteira no silêncio, estudo e oração. Ele manteve intensa vida social e não foi, pois, pelo recolhimento, que atraiu a admiração especial dos povos cristãos.

COMBATIVIDADE

Quanto à sua combatividade, ele o demonstrou nas duas Cruzadas que empreendeu para libertar Jerusalém. Chegando às costas do Egito, tal era o seu ardor de lutar, que não esperou o barco atracar: foi o primeiro a lançar-se na água e comandou pessoalmente à frente de seus soldados o vitorioso assalto à fortaleza de Damietta considerada inexpugnável.

No calor da batalha, despertava continuamente o entusiasmo de seus homens e Joinville registrou para a História: "Jamais um homem armado me parece tão belo' ele ultrapasse em altura todos os soldados' que mal lhe chegavam aos ombros. Um elmo dourado reluzia em sua cabeça e uma espada alemã em suas mãos".

Conta ainda Joinville que, cercado por seis mulçumanos, o santo libertou-se sozinho com vigorosos golpes de espada que segurava com as duas mãos.

Pela desobediência de seu irmão Roberto de Artois e a traição de um criado, o primeiro cruzada fracassou e São Luís teve o infortúnio de cair prisioneiro de guerra. Desprovido de suas armas — diz D. Guéranger — mesmo assim "não deixava de tratar com toda a grandeza de seu barismo o infiel vitorioso". Em seu cativeiro — que durou pouco mais de um mês — deu mostras de tanta serenidade de alma e era tal a majestade da sua figura, que os próprios egípcios ficaram impressionados. Certo emir chegou a querer forçar o Rei a armá-lo cavaleiro: "Faze-te cristão" retrucou o Santo.

Depois de libertado, permaneceu ainda quatro anos em São João d'Acre, capital do império franco da Síria, fortificando a cidade e os castelos que defendiam a região e tentando resgatar as cruzadas que permaneciam em poder dos mulçumanos. Graças a sua habilidade diplomática, explorando a rivalidade

existente entre sírios e egípcios conseguiu a liberdade de todos os seus companheiros de expedição.

Embora os historiadores reconhecem o acerto de seu plano e apesar do heroísmo e fino militar demonstrado por São Luís, a cruzada não logrou o êxito desejado. Mas era tal a admiração do povo pelo seu monarca que quando ele retornou à França depois de seis anos de ausência, foi recebido triunfalmente.

Não foram pois as vitórias militares que destacaram o nome de São Luís na História, uma vez que guerreiros não santos os obtiveram maiores que os dele, D. João D'Austria, que esteve bem longe de ser santo, alcançou em Lepanto uma vitória cristã indiscutivelmente maior.

VARÃO CATÓLICO

Seria longo enumerarmos todo o elenco das virtudes modelares de São Luís. Os exemplos registrados atraem de algo que de modo especial atraiu a admiração dos fiéis e até de não católicos e que brilhou em sua personalidade mais que em outros santos.

São Luís representou, com uma plenitude ímpar na História, a figura do varão católico como a Igreja almeja que ele o seja. É o leigo que vive no mundo e leva até a mais alta perfeição o cumprimento dos Mandamentos da Lei de Deus.

Tem-se a impressão de que um homem não pode tornar-se santo na vida quotidiana dos cidadãos. A santidade estaria reservada apenas para os padres, para os religiosos e aqueles que de modo especial, se dedicam às obras pias.

Nada de mais errada Deus espera de todos os homens o cumprimento exato de todos os Mandamentos e a tal ponto que possam depois serem elevados à honra dos altares.

E São Luís provou que o varão católico pode atingir a mais alta santidade no exercício de suas funções específicas, mesmo que estas incluam responsabilidade tão elevadas como a de um monarca, ao mesmo tempo que supõem grandes riscos.

Diz d. Guéranger: "Deus foi o alvo de sua existência e a ele seu gola; nisto está o segredo de sua política como de sua santidade. Como cristão servidor de Cristo; como príncipe seu lugar-tenente; entre as aspirações do cristão e aquelas do príncipe, sua alma não sofreu divisão. Esta unidade foi sua força e constituiu sua glória".

A recordação enlevado do leigo santo se prolongou pelos séculos, e parece-nos ser este o traço primordial da missão histórica de São Luís IX.

